

TODO NAUFRÁGIO É
TAMBÉM UM LUGAR DE CHEGADA



MARCO SEVERO

Todo naufrágio é também um lugar de chegada

2ª reimpressão



Sumário

Parte Um: *O declínio do Homo erectus*

Selvagem, 13

Meio Amargo, 17

Na casa do cordeiro o lobo anfitrião, 30

Cobrança, 54

Sem ela não dá, 59

Plantação abundante em terreno frágil, 67

Sítio arqueológico, 80

O museu errático das pequenas virtudes, 88

A linguagem dos versos, 97

Parte Dois: *A ascensão da fênix roubada*

O delicado valor do fim, 107

Abismo, 120

Enquanto meu pai não vem, 129

O jardim de pedras, 136

Litoral, 150

Perdendo o cabaço, 160

O que Abel tinha a ofertar e Caim a receber, 163

Carta para o ausente, 174

Sonhar com a luz através das ruínas, 182

Vai dar samba, 193

A contagem dos dias, 199



Este livro é para cinco professores:

Roberto Becco, que me ensinou a gostar de ler.

Ayla Kataoka, que me mostrou o caminho para os bons livros.

Camila Araujo, por ter me levado ao Mágico de Oz.

Marina Colasanti, que me ensinou a acreditar no que tenho a dizer.

Antonio Carlos Viana, pela generosidade.



*Sempre lembrando:
Somos nós, os fraquinhos que não aguentam briga,
os de óculos, os cadeirantes, os que vivem com bem pouco.
Somos nós, a civilização.
Somos nós que inventamos a ajuda mútua e,
com ela, a linguagem.
E mais, somos nós que restamos depois das hecatombes.
Os fortões, os fodões, eles morrem. Por exemplo, os dinossauros.
Foram os pequenininhos, os que qualquer vento derruba,
os que ficaram até hoje cantando na árvore.*

Elvira Vigna



Parte Um
O declínio do Homo erectus



Selvagem

Nas primeiras reuniões de condomínio eu e Amanda descobrimos que tínhamos um amor incondicional por literatura. Resolvemos dar início a um clube informal de leitura que se reunia a cada quinze dias para ler e conversar sobre o que havíamos lido. Claro que com as doze mulheres reunidas ora na casa de uma, ora na casa de outra, a literatura ficava em segundo plano e a gente passava a maior parte do tempo era falando da vida alheia, com a desculpa de que nos juntávamos para falar de livros.

Pouco tempo depois que os encontros começaram, eu já estava querendo *matar* a Amanda. Ela só abria a boca pra falar do Rodrigo, seu *filhinho* de doze anos. Em tudo o Rodrigo era perfeito. Se ia escovar os dentes, escovava tão bem que se esquecia do que estava fazendo (eu aposto que ele fazia isso com a torneira aberta o tempo todo), nunca tinha tido *uma* cárie. Em cada reunião, sabíamos em detalhes de outras perfeições do menino: entrava no quarto pra estudar e só saía quando tivesse terminado, recolhia numa caixa todos os brinquedos espalhados pelo chão do quarto e

claro, nunca brigava com a irmãzinha. Como se um menino de doze anos fosse brigar com a irmã recém-nascida. Só se ele tivesse vocação pra Mogli, o menino-lobo, e tivesse sido criado numa selva.

Todas as vezes que eu ia na casa da Amanda com o meu filho, Lucas, que também tem doze anos mas é alguns meses mais novo que o dela, o menino podia estar comendo o que fosse, de um pacote de recheado a uma taça com salada de frutas, que nunca oferecia. Não se levantava do sofá pra pegar um copo d'água nem pra ele mesmo, que dirá pras visitas. Eu não sei onde a Amanda enxergava esse menino tão educado.

Aos poucos o clube foi minguando e das doze mulheres, dali a pouco só tínhamos eu e mais três; a Amanda no meio, óbvio. Ela ia bem perder a oportunidade de fazer nossos ouvidos de penico falando da perfeição que Deus colocou no mundo que era o filho dela? Nem pensar. Além do mais, eu fingia bem, não demonstrava nem com um arqueamento de sobrancelha o que realmente sentia com aquele falatório todo. Para todos os efeitos, éramos muito amigas.

Quando as férias escolares se aproximaram, num dia de clube, eu deixei as outras mulheres irem embora e falei para a Amanda, Eu estava pensando: o que você acha do Rodrigo passar uns dias na nossa casa de praia? Ia ser uma boa para o Lucas ter alguém além dos primos com quem brincar... Você acha mesmo que é uma boa, Sandra? Eu nem acho os nossos filhos muito chegados... Mas é justamente por isso que eu tive a ideia! Será uma excelente oportunidade para que eles se aproximem e para que o Lucas veja o menino maravilhoso que o Rodriguinho é. Sendo assim, acho que você tem razão. Vou conversar com ele e com o pai dele e mais tarde te dou uma resposta.

Eu não tinha nem dúvidas que o Rodrigo iria. Ele já tinha ido na nossa casa de praia uma vez, e tinha adorado. Se tinha um menino pra gostar de mar e sol, era aquele. Além do mais, a casa era enorme, tinha piscina com trampolim (de onde os meninos adoravam ficar se jogando) e ficava num lugar privilegiado, o que era uma soma de tentações. E como ele conseguia dos pais tudo o que queria, era causa ganha.

Como Amanda e o marido não estavam de férias, todos os dias ela ligava para saber como estavam as coisas por lá, e aproveitava para falar de como o filho era obediente em locais que não conhecia muito bem, que só comia o que lhe davam, seguia regras e horários à risca e tudo o mais. Foi então que eu tive um clique para algo que já vinha passando pela minha cabeça.

Na noite seguinte fiz um sanduíche extra pra cada um e coloquei as crianças para dormir mais cedo. Era folga do caseiro, e eu arranjei um motivo pro meu marido ir ao supermercado e à farmácia, que ficavam quase na entrada da cidade, comprar umas coisas que a gente estava precisando. Eu queria ficar sozinha.

Fui até a piscina e esvaziei boa parte do lado fundo, onde ficava o trampolim regulável, que eu elevei mais de um metro. Deixei água o suficiente para as crianças ainda quererem ir lá. Na manhã seguinte, quando acordaram, eu estava dentro da piscina, de joelhos, para eles não desconfiarem de nada. Assim que avistei meu filho, saí da água e fui até ele. Fique longe da piscina hoje. Ele me perguntou por quê. Eu disse que o seu Geraldo iria fazer uma limpeza nela, e que eu havia entrado só pra ver como estava a sujeira. Disse isso pra evitar que ele me fizesse perguntas, pré-adolescente é uma praga. Aproveitei e coloquei um remedinho no suco dele, pra ele cair no sono depois do almoço.

Era chegada a hora de ver se o Rodriguinho era mesmo um menino tão obediente e seguidor de regras.

Com Lucas dormindo como quem espera um beijo para ser acordado, coloquei meu biquíni e chamei Rodrigo para a piscina. Ele não pensou nem meia vez. Falei para ele entrar com cuidado, a água estava quente àquela hora. Assim ele fez. Ele brincou, mergulhou um pouco, e antes que a brincadeira solitária começasse a entediá-lo, eu soltei para ele, Rodriguinho, agora eu quero ver você dando um pulo daqueles que só você sabe dar dentro da piscina, ok? Ele sorriu, sem desconfiar de nada, coitado.

Subiu os degraus numa obediência canina, olhou para a piscina e saltou de cabeça. Teve um afundamento lateral do crânio e perdeu vários dentes. Como minha amiga Amanda está sem condições emocionais, sou eu quem fico com ele no hospital, velando por ele para o caso de ser necessário chamar um médico ou uma enfermeira. A família entende que foi uma fatalidade, e me agradece todos os dias por eu deixar de estar com o meu próprio filho para estar com um filho que não é meu. Eu apenas sorrio, e digo que não faço mais do que minha obrigação. Pensei em dizer também que me sentia culpada pelo que havia ocorrido, mas não disse, isso podia dar ideias aos familiares.

Dizem que, se ele escapar, vai ficar com problemas neurológicos terríveis.

Meio Amargo

Como sua mesada era curta e os desejos tinham asas a bater no infinito, Lázaro aproximou-se mais uma vez da mesa caótica onde seu pai mantinha de tudo, e abismou-se com o que viu: um bolo de dinheiro, com as cédulas fortemente espremidas umas às outras presas por uma liga de borracha.

Ele tinha certeza de que era muito mais dinheiro do que já tinha visto ali. Quando ficou de ponta de pé e seus olhos conseguiram percorrer todo o caos da mesa da sala de jantar, pôde ver também outros amontoados de cédulas, que sua baixa estatura e a mesa alta não o deixaram ver antes. Lázaro tinha o hábito de, vez por outra, pegar algumas moedas deixadas sobre a mesa, algum dinheiro em papel, eventualmente. Seus pais já haviam chamado sua atenção para o fato, inclusive com castigos, e ele sabia que corria riscos. Sua tenra idade não o tornava ingênuo a esse ponto.

O desejo daquele dia eram chocolates. Muitos chocolates, de todos os tipos, branco, preto, aquele outro mais preto ainda; com crocante, com flocos de arroz, com coisa melada dentro. E ele só conseguia enxergar uma forma de obtê-los,

já que o que recebera da mesada tinha sido gasto em livros; na verdade, num livro só, porque ele era tão bom cliente da livraria que tinha perto de sua casa que as atendentes o deixavam levar fiado, para que ele pagasse com a mesada do mês seguinte. Então, ele pagou o livro do mês anterior e levou um outro, de modo que, agora, estava sem nada. E porque ainda não aprendera a segurar seus impulsos, algo que levaria muitos anos mais para fazer, pegou um daqueles muitos volumes de dinheiro e prendeu junto ao elástico do short que usava. Não era tão ingênuo para não compreender que poderia ser castigado, mas era tolo o suficiente para achar que ninguém perceberia, como ficou muito claro pouco tempo depois.

Foi até o quarto onde a mãe estava e anunciou, Mãe, estou indo brincar com o André! Era um sábado, ele jamais esqueceria o dia da semana; dia este que passou a odiar a partir daquele, e que odiaria por muitos anos mais até a idade adulta, quando o descanso de uma semana árdua de trabalho o fez esquecer a dor que aquele dia lhe trazia à memória. Mas, naquele momento, ele ainda não tinha como saber disso. Já almoçou?, perguntou a mãe, sua voz saindo do banheiro e atravessando o quarto até a porta, onde Lázaro se encontrava. Já, mãe, almocei foi cedo!, gritou o menino, a voz estridente e muito clara. A mãe, entretanto, tinha razão. Sabia que o filho poderia ficar horas perdido no videogame, esquecendo-se de coisas básicas, como tomar água, tomar banho, escovar os dentes, se alimentar. Mas seu casamento andava passando por dificuldades, e como uma forma de compensar o filho, ela deixava o menino na frente da tela horas a fio aos finais de semana. Selma não tinha coragem de divorciar-se do marido, que tinha amantes em várias cidades vizinhas e cuja relação com as garrafas

de uísque estava se tornando mais sólida com o passar dos meses. Em anos que ainda estavam por vir, ela saberia que tanta permissividade, fosse com o filho ou com o marido, teria um preço: com o primeiro, um distanciamento emocional irrecuperável; com o último, um divórcio inevitável e uma doença da qual ela não poderia mais se livrar.

Naquele momento, entretanto, nada disso passava pela cabeça dela. Tanto que, ainda que preocupada com a possibilidade de ver Lázaro brincando na rua com o filho delinquente da vizinha, uma senhora confinada a uma cadeira de rodas que deixava seu filho solto na rua a qualquer hora do dia ou da noite, nunca tivera notícia de nenhuma tragédia. Ademais, era ali, na rua, quase na frente da sua própria casa; qualquer coisa o menino poderia vir correndo para dentro, se estivesse chateado, caso se sentisse ameaçado ou não quisesse mais brincar. E hoje era sábado, afinal; o pequeno Lázaro merecia usufruir da aguardada liberdade de fim de semana.

Com a saída consentida, o garoto pegou o caminho do portão rumo à mercearia de seu Fernando, sobrinho de dona Osvaldina, mãe de André, que morava na casa ao lado e abria um mercadinho onde os meninos do bairro e as donas de casa poderiam encontrar itens para saciar a vontade ou a necessidade, em tempos em que não existiam tantos supermercados espalhados em toda parte, praticamente decretando o fim das pequenas vendas de bairro; quando muito, relegando-os às periferias das grandes cidades.

Mas Lázaro não queria nem saber do André. Era um rapaz esperto, e por mais sonhador que fosse, conseguia farejar na figura alourada daquele moleque o cheiro forte do perigo. André era maior e mais alto do que ele, e por viver na rua, era curtido pela sabedoria que só se encontra

nela, algo completamente diferente do seu mundo de livros e brincadeiras de escola, um mundo mais controlado e com menos riscos; possivelmente tão imperdível e sedutor quanto a rua parecia ser para André, mas que não lhe proporcionava o aprendizado das mesmas manhas. André era conhecido pelas brincadeiras violentas, por maltratar animais e colocar bombinhas rasga-lata dentro de vidros e jogá-las por cima dos muros dos vizinhos. Sabe-se lá o que seria capaz de fazer com ele. Assim, Lázaro evitava aquele garoto sempre que podia, embora brincasse com ele quando todas as crianças da vizinhança se juntavam na mesma brincadeira. E isso vinha acontecendo com frequência maior desde que seus pais começaram a brigar violentamente dentro de casa. Nem o refúgio dos seus livros adiantava mais. O barulho que faziam era tão destituído de afeto que ele não conseguia se concentrar na leitura. Isso quando a briga deles não acabava num grito, chamando por ele ou pela irmã, quando um dos pais se usaria deles para fazer sua defesa perante o que quer que estivesse sendo discutido por eles no momento, fazendo-os cair de cabeça numa confusão que, definitivamente, não era deles. Assim, o jeito era deixar o livro de lado e sair para as brincadeiras de rua. Pelo menos ele sabia onde encontrar a felicidade de um instante, que é sempre a maior das felicidades.

Ao chegar ao mercadinho, olhou embevecido para tanta coisa gostosa ao seu redor. Balas e chocolates nas prateleiras, uns fardos de salgadinhos de milho pendurados no teto, como um cacho de uvas a tentar a raposa – ou como a corda a tentar o suicida – balançando ao sabor de uma breve porém constante brisa. Aquilo era o mais próximo de tesão que Lázaro já sentira em seus poucos anos de vida, e para ele, era um jorro benfazejo de alegria e vicissitude, uma vez que

o fazia deixar tudo o que vivia em casa momentaneamente para trás, num limbo, ao qual ele não pertencia, ou sentia que não deveria – não merecia – pertencer. Por culpa dos pais, Lázaro de repente se via metido numa guerra que não era dele, e abrir a boca durante as trocas de fogo era a certeza de que perderia alguns dentes.

Equilibrando-se entre o desejo do corpo – a boca já salivava – e o amortecimento das suas dores da alma diante da enormidade do prazer, Lázaro foi adiante e escolheu várias guloseimas, que foi colocando sobre o balcão. Ele ia às prateleiras, depois corria para o balcão, onde depositava o que queria levar, em seguida ia novamente à prateleira onde estivera segundos antes para ver se não havia esquecido nada; quando era este o caso, seus olhos e suas mãos partiam para outro lugar, onde pegava mais coisas, num ir e vir sem fim. O dono do mercadinho apenas olhava aquele movimento, divertido. Até que num determinado momento, ele segurou a pequena mão de Lázaro, e com um meio sorriso, perguntou: Como você vai pagar por tudo isso? Ao que o garoto respondeu, Eu tenho dinheiro. E teus pais andam te dando tanto dinheiro assim? Porque isso vai custar uma nota, filho, avisou o comerciante. Lázaro fez pela primeira vez, então, um gesto que repetiria por quase toda a sua vida: checou, dando duas batidinhas com a mão direita, para saber se o dinheiro estava onde ele o havia colocado. Soltou um “ufa” mentalmente ao sentir o volume do dinheiro preso por uma liga. Retirou o aglomerado de cédulas e mostrou para seu Fernando, que ergueu os olhos como se estivesse diante de um inacreditável oásis. E por acaso este dinheiro é seu?, quis saber. O menino não titubeou, Mais de um ano juntando a minha mesada, agora eu gasto como eu quiser! A resposta pareceu satisfazer o dono do lugar, que calculou o valor

numa pequena calculadora que mantinha dentro da caixa registradora, retirou do montante o dinheiro que pagaria pelas compras do garoto, entregou o resto a ele e colocou todos os chocolates e o que mais tivesse misturado a eles dentro de uma sacola grande, que entregou ao pequeno Lázaro para que ele a agarrasse.

Já passava das três e meia da tarde quando ele deu as costas e se encaminhou para casa. Estava um calor de derreter pedra de mármore, e ele estava com muita sede; mesmo assim, pegou um chocolate de dentro da sacola, retirou da embalagem e colocou na boca. Por um instante, a vida era saborosa e melíflua, ele não tinha problemas, não sabia mais o que era apanhar, nem levar sermão, nem assumir a culpa de coisas que a irmã fazia, nem preocupar-se com as notas de matemática da escola. Tudo no mundo era beleza e bondade. Sua felicidade era tanta, que ao sentir o sabor do bombom se desfazendo em sua boca, parou por alguns segundos na calçada. Queria concentrar todo o seu corpo naquele instante de prazer. E sentiu. Sentiu o sabor do chocolate misturando-se à crocância de uma casquinha que envolvia uma outra pasta doce, feita de castanha de caju, que se combinavam perfeitamente numa massa amorfa que era o mais puro e pleno prazer. Engoliu tudo e continuou seu caminho rumo ao portão de sua casa, poucos metros adiante.

Ao entrar, já com outro chocolate na boca, sua mãe se aproximou dele e disse, Lázaro Viveiros, você pegou um dinheiro que estava em cima da mesa? Foi assim, à queima-roupa. Dois segundos antes, ele já sabia que teria problemas. Sua mãe só o chamava pelo nome e sobrenome quando ia brigar. E de briga ela entendia.

Como era sábado e o pai estava em casa, não tinha muito como tentar engabelar a mãe e amansá-la até a hora do pai

chegar; então, a única saída que ele conseguiu enxergar foi dizer com força e veemência, Não, mãe, não peguei nada! E como você justifica essa quantidade de porcarias que trouxe da rua? Com que dinheiro, Lázaro? Vamos, me diz, com que dinheiro? Lázaro, você continua pegando o que não é seu, não é? A essa altura, seus olhos já estavam cheios de água e sua mente completamente confusa, e por não ter entendido direito ao que a mãe se referia, disse, Eu não roubei esse chocolate de ninguém não, mãe, eu ganhei. Selma fez uma cara de ceticismo que só ela sabia, esticando os lábios e espremendo os olhos, como se fosse dar uma risadinha, quando na verdade, era uma questão de segundos até ela fazer uso de um artifício que usava bem, a ironia. Quer dizer então que você ganhou isso tudo aqui, rapazinho?, disse, apontando para a sacola que já tinha tirado das mãos do filho. Até onde eu saiba você saiu daqui pra brincar com o André, não foi? De quem era o aniversário? Aliás, pelo visto, nessa festa quem estava ganhando presente eram os convidados, não é?

Lázaro baixou a cabeça. Não tinha mais o que dizer. Sabia que tinha sido pego numa mentira, era melhor ficar calado. Pior do que a gritaria de que a mãe era capaz de fazer, somente a fúria desmesurada do pai, que deveria estar no quintal ou no jardim da frente da casa, para não ter aparecido ali até agora. Olhe, Lázaro, eu vou agora mesmo com você pro lugar de onde eu acho que veio esse monte de porcaria. Se minha suspeita se confirmar, você vai ver só.

“Você vai ver só” significava, em poucas palavras, “seu pai vai ficar sabendo”, e aí era um Deus nos acuda. Na certa ele ia ter que ficar de joelho sobre o milho novamente, e com a coluna ereta, que era pra sofrer mais. Neste caso, se a empregada estivesse por perto, ela sempre dizia para o

pai de Lázaro que ele podia ficar sossegado, que ela ia ficar de olho, e assim que ele saía, ela dizia para o menino se sentar, até que o pai viesse novamente, quando, com um gesto de olho, ele retomava a posição de castigo e a cara de sofrimento. Mas dependendo do humor do pai, o castigo também poderia ser levar muitas palmadas nas mãos, o que podia doer mais ou menos, a depender do tamanho da raiva do pai, mas pelo menos era rápido e ele ia para o quarto chorar no travesseiro, porque não chorava na frente do pai nunca, aguentava a dor estoica e impassivelmente.

A mãe o puxou pela mão e o levou até o mercadinho do seu Fernando. Além de tudo, ele seria humilhado na frente de todo mundo, e aquilo serviria de mote para gracinhas a semana inteira com os colegas de brincadeiras da rua. Ainda bem que ele não havia feito suas compras na cantina do colégio, porque senão, era provável que toda a escola passasse a semana zoando com ele. Pensou em silêncio que ainda bem que ele havia escolhido dentre os males, o menor.

Resignado, chegou com a mãe até onde estava seu Fernando. Imediatamente, ela vociferou, Estas coisas foram compradas aqui, seu Fernando? Lázaro olhava para o chão; Fernando, para os olhos de Selma. Foram, sim, disse no tom de voz tranquilo que lhe era peculiar. O senhor não desconfiou que uma criança dessa idade não teria dinheiro próprio para gastar tanto, seu Fernando? O senhor é ingênuo, irresponsável ou agiu de má-fé? Ele respirou fundo, ergueu a mão para a cliente que estava no caixa esperando para passar um quilo de açúcar e outro de farinha, pedindo para ela aguardar um instantinho, e disse, Dona Selma, eu perguntei de onde vinha o dinheiro, ele me disse que era da mesada. Eu confiei na criação que a senhora e seu esposo dão a ele para que ele não me viesse com mentiras, e fiz a